

Suplemento Cultural

WILSON MARTINS – CAVALEIRO DA SAGA MEDIEVAL

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

“Viver é muito... muito perigoso”
“A vida é um descuido prosseguido”
Guimarães Rosa

Foi a releitura de “Grande Sertão Veredas” que me fez comparar Wilson Martins a Carlos Magno, Rolando, Galaaz, heróis medievais, para quem os perigos da vida constituíam desafios na luta a favor dos mais fracos e da conquista da Igualdade social.

Preocupado com a justiça, com os direitos humanos, tornou-se uma das figuras mais emblemáticas e fundamentais na construção de um Mato Grosso do Sul, caminhando em direção à sua realização maior.

Revestido com a pele dos heróis medievais, emotivo e sincero, como Joca Ramiro, o rei dos sertões, situou cada pedacinho da existência em espaços da honra, da humildade, sem qualquer ambição de recompensas materiais a não ser o galardão do dever cumprido, da fama resultante da glória conquistada.

Nos longos anos de convivência familiar, da qual participei ao lado da amiga Nelly Martins, e no tempo em que trabalhei em seu governo, observei-o sempre encastelado na discricção de um comportamento cujos grandes prazeres eram os bons livros, a música clássica, a conversa com os amigos, as idas à fazenda, a consciência do dever cumprido.

Culto, capaz de dominar qualquer as-

“

Wilson Martins foi o grande responsável pelos mais expressivos programas de nossa cultura, aparecimento de valores, construção de prédios, sendo figura obrigatória em todos os eventos (...) de arte com o timbre de MS”

sunto, era também imune a maldades ou desonestidades, que dificultassem a caminhada de quem quer que fosse.

Na construção da sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, foi figura fundamental, junto ao governador, nas decisões a serem tomadas para a assinatura do contrato responsável pelo prédio, que nos altos do Bairro São Francisco abrigará o sonho dos que fazem da literatura projeto de vida.



Wilson Barbosa Martins, paradigma de homem público culto e honesto – uma vida dedicada à sua terra e sua gente

Humano, sensível, amante da exatidão, pouca coisa era capaz de fasciná-lo além de conviver com a família, receber e dar presentes, oferecer saborosos lanches aos visitantes.

Gostava de música regional. Grande incentivador de nossos compositores, comentava suas produções, incentivando os amigos, conhecidos e visitantes a prestigiar os shows, a adquirir CDs e DVDs desses criadores.

Foi o grande responsável pelos mais expressivos programas de nossa cultura, aparecimento de valores, construção de prédios, sendo figura obrigatória em todos os eventos relativos a programas da arte com o timbre de MS.

Advogado, professor, fazendeiro, di-

retor de escola e de jornal, não transformou a velhice em “aragem de sossego”, como queria Guimarães Rosa, de quem era amigo e admirador.

Aproveitou o talento de escritor para recompor, com auxílio da memória, faculdade épica por excelência, o longo caminho da vida pública e particular, do que resultou retrato dos mais lúcidos da região, que ajudou a criar e fazer crescer.

No livro “Memória – Janela da História”, uniu os dois pontos da vida, como fez Machado de Assis em Dom Casmurro: a história do menino dos campos da Vacaria à do homem público, defensor intransigente da democracia e da liberdade, que ocupou todos os cargos, amou, casou, teve filhos, netos e bisnetos e hoje contempla com serenidade as lembranças que o mar recolheu e o vento transportou.

Da névoa das recordações, surge a figura da esposa Nelly Martins, artista plástica e escritora, com quem gostava de plantar árvores e que foi a grande incentivadora da maioria de suas realizações.

O leitor – tocado pela largueza das

ideias, a força com que abomina as ditaduras, os governos violentos e a tirania – revolta-se com a injustiça da cassação com que foi castigado durante dez anos pelo exercício da vocação libertária.

Com notável domínio de texto, transporta-nos à chegada das comitivas de gado, aos acordes de violões no silêncio das fazendas, ao calor do fogo da madrugada aceso pelos peões, à instalação do governo de Vespasiano Martins no prédio da Maçonaria de Campo Grande, a São Paulo dos lampiões a gás, onde continuou a formação.

Os méritos de historiador, escritor, pesquisador, o processo criativo presente em todas as atribuições relativas à cultura levaram-no a ser eleito membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de MS, onde é sempre consultado e desempenha relevantes funções.

O painel de uma vida centrada na luta a favor da pobreza, o amor à família, o desapego aos bens terrenos justificam a comparação com os cavaleiros medievais, corajosos, modestos e sábios como ele.

Nunca se deixou abater pelos perigos desta vida. Venceu, pelo contrário, com a força de Deus, e todas as atribuições por que passou garantem-lhe lugar de relevo no Panteão da História.

A consciência de que e “a vida é um descuido prosseguido” foi sempre a base de que a salvação surge da coragem de sobreviver às dificuldades até atingir os mares da Eternidade.

NOSSA SENHORA, MODELO DE MÃE

FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES

O povo europeu, em referência ao mês de maio, diz que é o mês das rosas e das flores. E nós dizemos que é o mês de Maria. A mãe de Deus é a rosa do céu que olha para a rosa da terra, a nossa mãe. A rosa é, por excelência, símbolo de amor, de beleza, de carinho e encerra em si mesma uma mensagem de paz. A mãe da terra com a bênção da Mãe do céu é feliz, de uma felicidade que só quem tem amor profundo a pode compreender.

A mãe em si não deixa de ser um poema terno e sublime completado por outro poema, mas de sacrifício e de grandes virtudes.

Deus tem amor eterno para a humanidade, não somente porque deseja, cria e tem família, que se multiplica vivendo neste mundo e se santifica com a esperança do além. A mãe essencialmente como mãe é amor, mas o mais puro, mais delicado e o mais heroico dos amores da terra.

Quereis saber quantos tesouros Deus colocou no coração da esposa, quando Ele a coroa com a altíssima dignidade de mãe? – Contemplai-a junto a um berço, todo enfeitado de branco, obser-

vai atentamente o olhar com que vigia o seu querido filho, que dorme. Há naquele olhar arroubos de êxtases. Uma intuição milagrosa. Algo de misterioso transparece em seu rosto.

Escutai a cantilena monótona e cadenciada com que embala seu filho. Nesta cantilena encontramos uma melodia muito suave, angelical, que não existe no canto da cotovia, nem nos gorjeios do rouxinol, nem nos floreios do canto do sabiá, nem mesmo nas melodias dos músicos mais célebres do mundo como Beethoven, Schumann, Verdi ou de outros gênios musicais.

A mãe, proclamava o Papa São Pio X, deve se aproximar do grande modelo de todas as mães, daquela que vive na humildade, na paciência, na oração, no trabalho, na vivência cristã, que é a Virgem Mãe de Deus. Ela é ainda modelo de presença na igreja, medianeira de bênçãos e de graças entre Deus e os homens, fortaleza para milhares de pessoas, que vão buscar nela a força para vencer os difíceis encargos da vida. Nos dias de hoje, a Mãe de Deus deve voltar a ser o grande modelo da mulher dentro da igreja; modelo de mãe da juventude, dos anunciadores da palavra divina, os missionários, dos

ministros da Eucaristia e dos catequistas, modelo de santidade, de intimidade com Deus, nosso Pai.

Neste belo mês de maio, roguemos a Deus, por intercessão de sua querida Mãe, a Virgem Maria, que as nossas mães sejam bondosas, dedicadas e cumpridoras de seus deveres para com a religião e para com seus filhos, sacrificando, se for preciso, a própria vida pelo bem deles; que sejam também rainhas dentro do lar, mas conservando sempre aquela dignidade de mãe, de esposa, de educadora. Deus não faltará em dar-lhes as graças necessárias para cumprir esta difícil, mas nobre missão.

A mãe é a vida da nossa vida. Foi ela que plasmou nosso coração, sacrário vivo da alma criada por Deus. A mãe é o sol que ilumina, aquece e vivifica nossas ações.

Sejamos sempre reconhecidos, gratos e bondosos para com a nossa mãe por tantos benefícios que dela recebemos.

No Dia das Mães, o filho bom e trilegal deverá dizer, abraçando carinhosamente sua santa mãe: “A bênção, mamãe”. E a resposta se fará ouvir de imediato e com sorrisos nos lábios: “Deus te abençoe, meu filho!”.

A procura

AUGUSTO CESAR PROENÇA

Aí comecei a procurar devagar dentro das gavetas, por cima da cama, debaixo dos lençóis e travesseiros, dentro dos armários, sobre a mesa da sala, sofás, levantou tapetes, abri a geladeira da cozinha (quem sabe doído como estava podia ter esquecido quando fora beber água)... no quarto da empregada, armários e gavetas do quarto de Maria, estante de livros, em cima da eletrola, dentro dela e no meio dos discos, no interior dos sapatos, atrás dos quadros (alguém podia ter escondido)... olhou na varanda, voltou à cozinha, revirou panelas, pratos, copos, talheres, procurou dentro do liquidificador, foi para o quintal, antes, passou pelo banheiro barafundando tudo, no quintal trepou em cima da caixa d’água, desceu/andou, pôs-se de quatro no gramado, ciscou/farejou/apalpou, retornou para dentro de casa e se dirigiu ao quarto de hóspede, mexeu nos armários, gavetas, entre cobertores, e novamente na sala tateou debaixo da marquesa estilo Luiz XV – várias vezes –, espionou no fundo da sopeira, sobre o divã do corredor e andou/olhou por detrás das portas, das janelas, das cortinas, sob o tapetinho da entrada, manuseou bolsos e calças, livros, cadernos de anotações, camisas, dentro de malas vazias, cinzeiros (que coisa!)... na cesta de roupa suja, remexeu em cuecas, lenços, fronhas, daí viu atrás do filtro do forno e dentro dele, onde mora o ratinho, sacudiu cortinas, inclusive a do quartinho dos fundos, um tanto enraivecido sacou se estava nos cantos da sala ou metido atrás de vasos de plantas, abri caixas de sapatos, sacolas comerciais vazias, e andou/procurou nas gaiolas dos passarinhos, tornou a rever nos armários, cuidadosamente... foi abrindo gavetas e gavetinhas... correu para a varanda (só podia estar lá!)... então vasculhou em todos os lugares, até na mão da estátua do jardim, na orelha dela, sob o rabo do leão de mármore, nos canteiros, (e nada!)... no banheiro procurou nas saboneteiras, espionou na banheira, desenrolou rolo de papel higiênico, já na cozinha, com a colher de pau, mexeu na macarronada do almoço (alguém devia ter

sacaneado)... Troteou para o quarto e lá suspendeu a tampa da caixinha de joias de Matilde, gatinhando foi para o jardim e pela segunda vez palmeou a grama... (se tivessem atirado lá pra cima?)... subiu no telhado, equilibrou-se nas telhas, miou/rosnou, perturbando o cão do vizinho, desceu, e, descontrolado, derrubou tudo o que viu pela frente, pulou/ cuspiu/chutou/gritou, tombou a estátua do jardim, virou a estante de livros... desmontou a máquina de escrever, peça por peça, troac-troac, catapulf-catapulf, arrebitou as teclas, feriu o dedo, o sangue esguichou nas paredes, livros, papéis, blocos de cartas, aí jogou tudo o que estava dentro da escrivania para o alto, tudo o que estava dentro do armário, das gavetas e gavetinhas, rasgou roupas, quebrou vidros de perfumes, destruiu a eletrola, entortou discos, virou o filtro de cabeça para baixo – urrou! – abri torneiras, chuveiros e inundou a casa toda, esgotando a caixa d’água em questão de minutos, espatifou copos, pratos, entortou os talheres, rachou vidraças, danificou louças, derrubou a geladeira, emborcou a lata de lixo, esparramou o lixo na área de serviço, sapateou sobre o lixo (sacanas! sacanas! sacanas!)... mordeu a orelha da estátua, trincou dentes, investiu contra o leão do jardim, contra o abajur, sofá, camas, armários, mesas e mesinhas, rasgou tapetes, espremeu tubos de pastas de dentes, esmurrou várias coisas ao mesmo tempo, pulou/berrou, atirou longe uma garrafa de vinho – sobra do almoço – rasgou sacolas, malas... (me pagam! me pagam! me pagam!)... degolou os passarinhos, numa voracidade incrível... deu pauladas nos quadros, cabeçadas nas paredes, pontapés nos objetos de arte, engoliu pedacinhos da mangueira do jardim, arquejante, subiu outra vez no telhado, destelhou parte da casa, jogando as telhas no quintal do vizinho (toma! toma! toma!)... liquidou, destruiu, acabou, danificou, arrasou com a casa toda e foi rasgando a sua própria roupa; camisa-calça-cueca-meia-sandálias – apertando, torcendo, mordendo, ruminando... depois parou, suspirou... e recomeeu a procurar devassar dentro das...

POESIAS

SENHORAS NO TEMPO

(Ao Dia das Mães – segundo domingo de Maio)
Somos simples passageiros
No caminho eterno da vida

As mães
Missionárias mensageiras
De todos os tempos
Apresentam-nos
O amor imortal

Em seu colo
Eternizamos o sentimento
De proteção e afago

Com as graças da Mãe
Podemos aprender
A dar graças a Deus
E o próprio Deus nos deu
Vozes e bocas
Sentidos para nos tornamos

Prece viva sentida
Do coração

E mesmo se o desamparo
Se lhe bate às portas
A Mãe se esquece de si
mesma
Para nos amparar

Nos olhos um imenso mar
Na alma um imortal poder
De aos seus filhos se
entregar

Deus dá a Vida
... Com as mães
A Vida segue triunfante
Sempre um novo Sol
No brilho do seu olhar

GUIMARÃES ROCHA

DIVINA CONCEPÇÃO

(Para Ambrosina Alves da Rosa,
– hoje no altar da Eternidade)

Concebeste-me, ainda adolescente,
De um amor que durou por toda vida...
Só sete meses me aninhaste ao ventre,
Mas o amor que me dá não tem medida!

Quanto mais vai-te a vida ao sol poente,
Mais te sinto mãe-tocha incandescida...
Se tudo vai morrendo em tua mente,
Dos filhos lembrás sempre e comovida!

O amor é cerebral – diz a ciência;
É da alma – apregoa a religião...
Teu amor, mãe, é a santa sapiência,

Que nenhuma polêmica requer:
É de Deus o materno coração
Plasmado em coração de mãe-mulher!

GERALDO RAMON PEREIRA